

A importância do jeitinho

Em julho, o consultor Renato Bernhoeft* escreveu em sua coluna Brasil S.A. na revista Forbes Brasil um artigo comentando a importância do livro *Dando um Jeito no Jeitinho*, de Lourenço Stélio Rega. Pela repercussão que o artigo teve, transcrevemos aqui trechos do texto de Bernhoeft.

Um povo que conhece sua cultura e adota em relação a ela uma conduta crítica tem melhores condições para avaliar a importância, os efeitos e a utilidade das influências estrangeiras. E, portanto, consegue reduzir o deslumbramento pelas técnicas e modismos importados ou criados por gurus que se julgam “globais”. O livro de Lourenço Stélio Rega – *Dando um Jeito no Jeitinho, Como ser Ético sem Deixar de Ser Brasileiro* (Editora Mundo Cristão) é uma significativa contribuição para reflexões sobre nossas origens, realidade e perspectivas futuras.

Quem já leu *Razes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, ou *O Que Faz o Brasil, Brasil?*, de Roberto DaMatta, vai encontrar em *Dando um jeito no jeitinho* uma ótima resenha desses e de vários trabalhos anteriores, além de uma contribuição peculiar. Depois de introduzir o tema do Brasil do jeitinho, Lourenço discorre sobre “O lado positivo do jeitinho” e “O lado negativo do jeito”, em dois capítulos de agradável e útil leitura.

Empresários, executivos, prestadores de serviço e estudiosos do comportamento encontrarão na obra elementos para entender melhor a conduta e os hábitos de todos nós, brasileiros. Vale também como leitura interessante para estrangeiros que estão chegando ao país junto com o capital externo, em busca de oportunidades no Brasil.

Segundo o etnólogo polonês Malinowski, cultura “é o ambiente artificial e secundário que o homem sobrepõe ao ambiente natural. Isso compreende linguagem, hábitos, idéias, crenças, costumes, organização social, herança na produção, processos técnicos e valores”. Nesse sentido, é importante entender que o Brasil é produto de três raças distintas. Brancos, negros e índios compuseram a miscigenação e sinergia do país e, embora os brancos tenham sido minoria por longo tempo, terminaram impondo muitos hábitos. Ao mesmo tempo, os portugueses que para aqui vieram não trouxeram famílias, pois, diferentemente do que ocorreu nos Estados Unidos, vinham apenas explorar. Desenvolveram, assim, várias “relações ilícitas”, que geraram os primeiros mestiços. Para muitos estudiosos, boa parte do que chamamos “flexibilidade do brasileiro” se origina dessa mescla racial.

Lourenço utiliza em sua análise alguns “indicadores” úteis para entender o cenário nacional. O dilema permanente de nos tornarmos parte do Primeiro Mundo; a existência de “dois brasis”, um desenvolvido e outro subdesenvolvido; a distinção que fazemos entre “festa e prazer”, bastante estudada por DaMatta em seu livro *Carnavais, Malandros*

* Renato Bernhoeft é consultor de empresas, presidente da Bernhoeft Consultoria e membro do Family Business Network, FBN. bernhoeft.forbes@camelot.com.br

e Heróis, a importância do Carnaval e do futebol na psique do brasileiro; a cultura dos relacionamentos nos quais se separam o público do privado; e, por último, a anarquia, a cordialidade, as emoções autênticas, disfarçadas ou “pra valer”. No capítulo do “lado positivo do jeitinho”, o autor transcreve uma frase de Rogério Ekberg: “A situação brasileira não está ruim. Para ficar ruim ainda tem de melhorar muito”.

Diz Lourenço: “Em geral, o jeito é analisado pelo seu lado negativo. Mas ele pode ser ambivalente, isto é, servir tanto para o bem quanto para o mal. Serve para alguém se livrar da norma, ‘quebrar o galho’, mas também para trazer benefícios numa situação difícil ou inesperada. Essa ambivalência do jeito tem raiz na própria natureza do homem, cuja força vital original tem duas faces: de um lado, a tendência para a novidade, o espírito aventureiro que se arrisca, e, de outro, o instinto de autoconservação, de segurança, que não esquece a razão de emergência na viagem”.

Do lado positivo, o autor menciona a inventividade, a criatividade, a função solidária, o lado conciliador e a simpatia que incentiva relações interpessoais – ainda que superficiais. Do lado negativo, registra o modo ilícito de resolver os problemas, o individualismo, a excessiva importância do “aqui e agora”, a corrupção e o desprezo por qualquer conduta ética. Enfim, recomendo a leitura de *Dando um Jeito no Jeitinho* a todos aqueles que imaginam poder simplificar soluções para o país, empresas ou no âmbito da casa, através da importação de algum modelo pronto de outra cultura. Existem respostas nossas que podem surgir como produto natural da melhor compreensão que tenhamos de nós mesmos. E, nesse sentido, o livro agrega valor.